

## ADOLFO COELHO, ENTRE A FILOLOGIA E A EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA

Vanessa Castagna

*Università di Venezia Ca' Foscari*

A conferência proferida por Francisco Adolfo Coelho (Coimbra, 15/01/1847 – Carcavelos, 09/02/1919) no dia 19 de junho de 1871<sup>1</sup> foi a quinta e última das “Conferências Democráticas do Casino Lisboense” que chegou a ser realizada, antes da suspensão do ciclo inicialmente previsto. Adolfo Coelho tinha na altura 24 anos. Os dados biográficos mais marcantes até àquela data resumiam-se a ter nascido em Coimbra em 1847, ter-se matriculado na Universidade de Coimbra aos 15 anos (em 1862) para estudar Matemática, mas desistindo logo a seguir; em 1864 encetara as suas investigações na área dos estudos filológicos e etnográficos. Tendo-se mudado para Lisboa a convite do irmão José Eduardo Coelho (1835-1889), em 1869 matriculara-se no Curso Superior de Letras, que também acabou por abandonar, decorrido um ano. Vistas estas desistências académicas, e não se lhe conhecendo um tutor, Adolfo Coelho apresentava-se como um autodidata, muito atento à cultura germânica, tanto que começara a dedicar-se à filologia, considerada na altura uma «ciência alemã».

Ainda em Coimbra, em 1868 publicara o seu primeiro trabalho, intitulado *A lingua portugueza: phonologia, etymologia, morphologia e sintaxe*: é em virtude desta obra, que marca o início da «filologia científica» (PRISTA 2001: p. 157), que Adolfo Coelho é tido como um precursor dos estudos linguísticos em sentido moderno em Portugal. Em 1870 publicara o opúsculo intitulado *Sobre a necessidade da introdução do estudo da glottica em Portugal*, em que, de forma pioneira, defendia a introdução da linguística como disciplina no sistema de ensino português.

Já a partir das suas primeiras publicações, Francisco Adolfo Coelho não poupa críticas aos seus pares, mostra-se muito dado a polémicas, muito severo na avaliação crítica dos outros<sup>2</sup>; e é com esse forte espírito

<sup>1</sup> No título da publicação do texto da conferência, ocorrida em 1872, surge a data de 17 de junho (COELHO 1872), mas consta tratar-se de gralha.

<sup>2</sup> Entre as inúmeras que protagonizou destacam-se aqui, no início da sua trajetória, ainda na década de 1870, as polémicas contra Inocêncio e criticando o *Aristarco portuguez* à sua *Lingua portugueza* (1870), sobre o Dicionário da Academia das Ciências (1870), contra as *Portugalliae inscriptiones romanas* de Levy Maria Jordão e em defesa do *Corpus inscriptionum latinarum* de Hübner (1870), a crítica à *Historia da litteratura portugueza* de Teófilo Braga (1872) ou, ainda, a polémica contra o *Fausto* de Castilho (PRISTA s.d.). Já em 1912, ficou envolvido numa polémica

de crítica e desejo de modernização que expõe as suas reflexões na conferência de 1871, em que o seu interesse linguístico se cruza com outra sua faceta fundamental, ou seja a de pedagogo, não só no plano teórico, mas também na ação prática, como se tentará mostrar mais adiante.

O grande impulso no sentido da implementação de uma modernização pedagógica nacional manifesta-se com força na conferência proferida no Casino Lisbonense sob o título *O ensino* (REIS 1990: pp. 143-177), cujo texto seria publicado no ano seguinte sob o título mais explícito de *A questão do ensino* (1872) e acompanhado de uma advertência inicial e de algumas notas adicionais no fim. Na conferência, ciente da vastidão e complexidade do assunto que se propõe a tratar, Adolfo Coelho visa expor «nos seus traços essenciais» as suas ideias sobre os seguintes pontos:

Os pontos da questão do ensino de que vou ter a honra de me ocupar perante este auditorio são ainda assim muito complexos, muito vastos para que esses mesmos possam ser considerados detidamente. É força que me limite a exprimir hoje apenas nos seus traços essenciaes as minhas ideias sobre cada um d'elles.

Esses pontos são:

- 1.º A necessidade e fim do ensino;
- 2.º As fórmãs do ensino;
- 3.º A materia do ensino;
- 4.º A organização do ensino em Portugal;
- 5.º A natureza da reforma do ensino. (COELHO 1872: p. [1])

As que Adolfo Coelho expõe, como o próprio afirma, são apenas ideias, expostas num «impulso de *modernização* que, mesmo enunciado em termos entusiasticamente juvenis, é muito significativo» (REIS 1990: p. 25)<sup>3</sup>, mas são ideias que se predis põem a articular-se em propostas muito concretas e numa intervenção social intensa ao nível da educação em Portugal.

A reorganização da «instrução pública» era um tema central da época – como revelam os próprios romances de Eça de Queirós ou vários textos críticos de Ramalho Ortigão, dentro da geração de 70 e apenas para dar um exemplo – e, sobretudo na sequência da afirmação do liberalismo, esse tema abrange as questões da formação da classe dirigente e das exigências da ordem burguesa que se tinha vindo a constituir, além de

com Fernando Pessoa, de quem terá sido professor de Filologia Românica Geral e Especial Portuguesa. Na sequência da participação de Adolfo Coelho no «Inquérito Literário», organizado por Boavida Portugal, e à referência explícita a um texto de Pessoa (cujo nome na verdade não é citado) e à crítica à suposta megalomania da geração modernista, Fernando Pessoa, em 21 de setembro de 1912, assinou uma carta-réplica, que ficaria incluída no volume de Boavida Portugal publicado em 1915 (<http://www.pessoadigital.pt/de/pub/PessoaUmareplica>).

<sup>3</sup> As palavras de Carlos Reis referem-se mais em geral ao espírito das “Conferências do Casino”, mas bem se aplicam ao caso concreto do jovem Adolfo Coelho.

refletir uma necessidade de democratização associada aos tempos modernos. Nos anos 70 a questão era especialmente atual: em 1870 foi criado o Ministério da Instrução Pública; entre 1871 e 1878 António Rodrigues Sampaio promoveu as reformas descentralizadoras do ensino primário e secundário (Lei de 2 de maio de 1878).

Na altura das “Conferências do Casino”, a jovem idade de Adolfo Coelho não o impede de propor na sua conferência uma análise do sistema educativo português de grande envergadura e de profunda crítica, com uma tensão para o futuro que se demonstra constante nas suas análises e propostas no plano do estudo científico (inclusive em relação à linguagem) e da renovação pedagógica.

Ivo Castro reconhece em Adolfo Coelho um importante «agente de mudança», «criador e executor de políticas educacionais» e, observando «o radicalismo das suas posições contra o regime», aponta-o como o direto responsável «pelo encerramento das Conferências Democráticas do Casino Lisbonense em 1871 e pela aura que lhes é imputada como momento decisivo na crise de mudança de mentalidades e de forças no Portugal novecentista» (CASTRO s.d.: p. [1]); a situação decerto era agravada pela iminência da conferência de Salomão Bensabat Sarraga que se anunciava a seguir. Na sua conferência, Adolfo Coelho critica duramente as disciplinas, os métodos e os manuais utilizados no ensino secundário; quanto à universidade, designada como «o reino da estupidez» (COELHO 1872: p. 35) retomando o título do poema satírico de Francisco de Melo Franco (1757-1822), denuncia a falta de espírito crítico e de liberdade na pesquisa e no ensino, a estagnação alastrante e os efeitos avassaladores da «religião do Estado» (COELHO 1872: p. 24), defendendo a necessidade de laicizar para promover uma pesquisa e um ensino com rigor científico em Portugal. A base da reforma do ensino em Portugal, para ele «é necessariamente a separação completa do estado da igreja, a liberdade de consciencia, não como mera virtualidade, mas realizada na pratica» (COELHO 1872: p. 45).

Adolfo Coelho coloca-se na esteira de Luís António Verney, cujo *Verdadeiro método de estudar* (1747) evoca, ao reconstruir o progressivo declínio da instrução pública em Portugal e avaliando o impacto da reforma pombalina, que critica impiedosamente à exceção dos seus efeitos sobre o ensino das ciências naturais:

O novo *Methodo d'estudar* viera mostrar a chaga; o marquez de Pombal pretendeu cural-a. Todos teem ouvido fallar na reforma que este estadista fez na instrucção publica e principalmente na sua reforma da Universidade; ninguém, creio, estudou ainda a fundo a natureza e eifeitos dessa reforma.

O que é verdade é que a reforma do marquez não introduziu nenhum principio novo no ensino: o que estava nas mãos do jesuíta passou pura e simplesmente para as mãos d'elle; o professorado não é mais que um instrumento facil de mover nas mãos omnipotentes. Os professores ficam reduzidos á condição de titeres a quem elle puxa os arames segundo melhor lhe parece. (COELHO 1872: pp. 34-35)

Não podendo aqui repercorrer exaustivamente a rica sequência de críticas que o autor faz a todo o sistema de ensino português daquela época, convém ainda salientar o destaque que atribuí a algumas disciplinas, em particular as chamadas ciências filológicas, e à educação linguística. Há algumas passagens significativas sobre as ciências filológicas, do ponto de vista tanto do estudo, ou da investigação científica, como do ensino. Por exemplo, reivindica-se o estudo das línguas não para fins meramente práticos, mas como objeto de estudo, numa perspectiva metalinguística:

[...] a philologia reduz-se necessariamente ao estudo pratico d'algumas línguas, das línguas de primeira necessidade, de necessidade por assim dizer material, e os monumentos litterarios d'essa língua serão lidos como meio para as conhecer; o estudo da litteratura, á rhetorica, á arte de metrificação, ás apreciações d'estylo, e a juizos puramente subjectivos sobre o merito dos auctores [...]. (COELHO 1872: p. 24)

Falando do ensino secundário, comenta sem rodeios que «[o] ensino das línguas é menos que elementar» (COELHO 1872: p. 26); que «[o] ensino das línguas antigas é vergonhoso» (COELHO 1872: p. 27), o que documenta com situações concretas, e que «[o] ensino das línguas estrangeiras vivas não é menos mesquinho que o das mortas» (COELHO 1872: p. 28). A propósito do ensino do português, introduzido pela reforma do ensino liceal pelo Decreto de 10 de abril de 1860 (reforma de Fontes Pereira de Melo), repara o autor que se foca exclusivamente na análise gramatical e, quando muito, na poética. E observa:

Nem uma unica noção scientifica sobre a origem da nossa lingua, e sua historia, os seus elementos etymologicos; nem a maior parte dos professores sabem nada d'isso, nem os redactores de programmas. [...] O ensino do portuguez como está actualmente organizado, e apesar do programma, não dá afinal de contas aos estudantes conhecimentos theoreticos e praticos da nossa lingua verdadeiramente superiores aos que elle obtinha antes da creação d'esse ensino. (COELHO 1872: p. 27)

Vale a pena recordar ainda as palavras com que Adolfo Coelho encerra a sua conferência, após uma crítica feroz ao Curso Superior de Letras inaugurado em 1861 (fundado em 1859 por D. Pedro V): «Uma reforma radical não é talvez possível. / Toda a reforma não radical é inútil»

(COELHO 1872: p. 47). Todavia, apesar destas palavras cortantes e do espírito polémico que o caracterizava, na verdade o sentido prático de Adolfo Coelho levá-lo-ia a trilhar os caminhos do possível, mas do que do radical.

Mais tarde, em 1878, decorridos alguns anos das “Conferências Democráticas” e já com vasta obra publicada na área da linguística, da literatura popular e da antropologia, Adolfo Coelho entraria como professor para esse mesmo Curso Superior de Letras que o dececionara, juntamente com Guilherme de Vasconcelos Abreu, inaugurando as primeiras cadeiras de linguística moderna em Portugal, no seguimento de uma petição assinada por ilustres intelectuais e académicos sobre a necessidade de criar uma cadeira de Filologia comparada, para a qual Adolfo Coelho foi explicitamente recomendado. A partir desta disciplina começaram a desenvolver-se estudos que hoje definiríamos de linguística, em relação aos quais em Portugal, como já foi mencionado, Adolfo Coelho é considerado um pioneiro.

Entre os seus contemporâneos, a sua consagração como filólogo e académico é marcada, em 1887, pelo título de doutor *honoris causa* que lhe é atribuído pela Universidade alemã de Gotinga. Aliás, a sua projeção internacional é confirmada pela divulgação relativamente regular dos seus trabalhos no estrangeiro através de algumas revistas da área filológica, para além da correspondência mantida com estudiosos como o linguista alemão Hugo Schuchardt (1842-1927), o arquivista-paleógrafo francês Paul Bataillard (1816-1894) ou o filólogo suíço Jules Cornu (NEPUMOCENO, ALMEIDA 2019: pp. 2, 4-5). Como aponta Santos, Adolfo Coelho, bem como a geração a que pertenceu,

numa altura em que a ordem política portuguesa se encontrava em crise, filtrou, de forma heterogênea, a nível da filosofia e da ciência moderna, um conjunto substancial de influências de origem eminentemente germânica e francesa, a saber, as exercidas por Georg Wilhelm Friedrich Hegel, Pierre-Joseph Proudhon, Auguste Comte, Herbert Spencer, Ernest Haeckel, Schleicher e Corssen, entre outros. A influência germânica foi, entretanto, a mais ponderosa em F. Adolpho Coelho, que se tornou no responsável pela introdução, em Portugal, no ano de 1868, de metodologia científica de análise da(s) língua(s). (SANTOS 2019: p. 36)

No entanto, pela sua vasta produção escrita e prática educativa, é patente que em Adolfo Coelho a vertente científica e a vertente pedagógica se entrecruzam e, aliás, estendem-se a áreas de saber que ultrapassam a das línguas. A produção de Adolfo Coelho é extensíssima, tendo mais de duzentos textos publicados<sup>4</sup>, muitos deles aparecidos na imprensa diária,

<sup>4</sup> A extensa bibliografia do Autor encontra-se em boa parte reconstruída, nas suas diversas

dirigindo-se, portanto, a camadas mais amplas da população. Entre as suas obras, apoiando-nos nas análises propostas por Ivo Castro e António Carvalho da Silva, que por sua vez reinterpreta as quatro fases identificadas por Paiva Boléo (1947), e tentando harmonizá-las, podemos identificar cinco áreas especialmente relevantes e bem interligadas, de que nos limitaremos a apontar apenas alguns títulos essenciais.

Um primeiro conjunto de obras visa à divulgação da glotologia ou linguística, devendo relembrar, em primeiro lugar, o volume intitulado *A lingua portuguesa: phonologia, etymologia, morphologia e syntaxe* (1868)<sup>5</sup>, que Leite de Vasconcelos considera como ponto de partida da filologia científica portuguesa, identificando como seu ponto de viragem «o S.<sup>or</sup> Francisco Adolfo Coelho, que inaugurou em 1868 os novos métodos» da filologia portuguesa (VASCONCELOS 1929: p. 860). Entre outras obras relevantes, constam *Sobre a necessidade da introdução do ensino da glottica em Portugal* (1870) e os quatro fascículos da *Revista d'ethnologia e de glottologia* (1880-1881).

A preocupação de Adolfo Coelho em relação a uma abordagem apropriada à ciência da linguagem manifesta-se na reflexão demorada sobre o próprio termo a adotar para referir-se à matéria; em 1881 definia a linguística, que também denominava «glótica» ou «glotologia», de forma clara e inovadora:

*A linguistica, ou glottica ou glottologia, a que tambem se chamou philologia comparada, é o estudo scientifico das linguas. A glottologia (empregaremos de preferencia esta denominação) não tem por fim o estudo pratico das linguas para as falar ou escrever, nem o estudo das linguas como meio para o estudo das literaturas: a glottologia estuda as linguas por ellas mesmas. (COELHO 1881: p. 3)*

Dessa forma, a linguística distancia-se da filologia tradicional, que se apoiava em manifestações de teor literário e cultural; nisso Adolfo Coelho revela uma abordagem pioneira, que o leva a ser apontado como o «primeiro “linguista” português» (SILVA 1997; SILVA 1999), reunindo,

edições e reedições, por categorias e ordem cronológica, na ficha sobre Francisco Adolfo Coelho (NEPUMOCENO, ALMEIDA 2019: pp. 6-18) disponibilizada na base de dados do projeto TEPOC - Textos e Contextos do Orientalismo Português (<http://tecop.addition.pt/np4/Projeto.html>). Um subsídio fundamental é o *Esboço bibliográfico* contido na edição de 1973 de *Para a história da instrução popular*, que se baseia em três bibliografias já existentes, emendando-as e enriquecendo-as (COELHO 1973: pp. 203-231).

<sup>5</sup> Só chegou a ser publicado o primeiro fascículo de *A lingua portuguesa*, apesar de se anunciar na contracapa do tomo a iminente saída do segundo fascículo e a previsão de mais dois fascículos: «O segundo fasciculo contendo como o primeiro 5 folhas e 32 páginas (160 páginas) vae entrar no prelo. Compreenderá o resto da fonologia, a etymologia e grande parte da morphologia. / O terceiro fasciculo comprehenderá a parte da fonologia que não poder entrar no segundo e a syntaxe. O appendix sobre os dialectos, indices por ordem de materias e alphabetico constituirão um fasciculo menor que os tres primeiros [...]» (COELHO 1868: s.p.).

aliás, vários méritos: para além do papel seminal de *A lingua portugueza*, Adolfo Coelho conseguiu definir um âmbito específico para o estudo científico da língua; defendeu a introdução do ensino linguístico (ou glotológico) em Portugal e atuou na primeira pessoa, sendo desde 1878 o primeiro professor de Filologia Comparada no Curso Superior de Letras (SILVA 1999: p. 416).

Pode-se ainda observar a interface de algumas das suas obras de linguística com o domínio da etnografia ou da antropologia; de facto, juntamente com Teófilo Braga, Consiglieri Pedroso, Leite de Vasconcelos e Rocha Peixoto, Adolfo Coelho é considerado uma das figuras decisivas na constituição e no primeiro desenvolvimento da antropologia em Portugal.

À área mais propriamente dos estudos linguísticos pertencem as obras que deveras lhe mereceram fama internacional, como: *Theoria da conjugação em latim e portuguez: estudo de grammatica comparativa* (1870); *Os dialectos romanicos ou neo-latinos na Africa, Asia e America* (1881, com notas complementares em 1882 e novas notas suplementares em 1886), ou seja, um estudo por áreas geográficas sobre os crioulos, que são vistos como línguas autónomas e não como dialetos ou variedades; *Questões da lingua portugueza* (1874); o já referido *Os ciganos de Portugal: com um estudo sobre o calão* (1892), que se destaca pela riqueza de materiais históricos, etnográficos e antropológicos, mas sobretudo linguísticos, em particular acerca da formação e estrutura do calão (gíria da comunidade cigana) e que representa um exemplo cabal de interface entre o domínio linguístico e o etnográfico; *Estudos sobre a influencia ethnica na transformação das linguas: diferenças phoneticas das linguas e diferenças anatomicas dos órgãos da falla* (1901). Esta vertente do seu trabalho, desde o início, fez inclusivamente de Adolfo Coelho «um autor difundido e lido no Brasil pelos interessados na língua e na linguística. Uma autoridade em língua portuguesa, na etimologia e no sentido das palavras» (MARTINS 2015: p. 15). Em especial, há várias

indicações que permitem falar numa datação do interesse, no Brasil, pela obra de Adolfo Coelho, que cobre o período que vai desde as Conferências Democráticas, de 1871, cuja proibição foi noticiada no Brasil, e de suas primeiras publicações, até aproximadamente 1920, cerca de meio século. (MARTINS 2015: p. 16)

Um terceiro núcleo é constituído pelos manuais para o ensino de português, que bem revelam o seu envolvimento pedagógico, prático. Podem-se referir: *Curso de litteratura nacional para uso dos lyceus centraes I e II* (1881) *A lingua portugueza: noções de glottologia geral e especial portugueza* (1881); *Diccionario manual etymologico da lingua portugueza (contendo a significação e prosodia)* (1890), muito original pela presença da indicação da

pronúncia corrente; *Noções elementares de grammatica portugueza* (1891) e *Leituras Portuguesas: curso de lingua e litteratura portuguesa* (1896).

São muitos os títulos que remetem para o domínio do ensino e da educação: *A questão do ensino* (1872), *A reforma do curso superior de letras* (1880), *O trabalho manual na escola primaria* (1882), *Os elementos tradicionais da educação* (1883), *Esboço de um programma para o estudo anthropologico, pathologico e demographico do povo portuguez* (1890), *Ensino primario superior* (1892), *Reforma do ensino publico* (1894), *O ensino da lingua portugueza nos lyceus* (1895), *A pedagogia do povo portuguez* (1898), *Educação e pedagogia* (1905), *Estudos sobre a educação popular* (1909), *O estudo da criança* (1913) e *Cultura e analfabetismo* (1916). Como já observou com pertinência Maria Filomena Gonçalves, a renovação das ciências da linguagem para Adolfo Coelho confluía num programa abrangente de «modernização do conhecimento científico» (GONÇALVES 2004: p. 48) no marco do positivismo, cujos princípios científicos deveriam moldar extensivamente o ensino, de modo a melhorar a educação.

Por fim, destaca-se o imponente trabalho de recolha de documentos tradicionais, reunidos em *Contos populares portuguezes* (1879), os *Materiaes para o estudo das festas, crenças e costumes populares portuguezes* (1880) e *Jogos e rimas infantis* (1883), entre outros. Observa-se, neste âmbito, que Adolfo Coelho aproxima-se da literatura infantil e manifesta um evidente o interesse pela cultura popular, não como curiosidade folclórica, mas antes como reconhecimento da importância de recolher, utilizar e potenciar os documentos tradicionais (aspeto que também surge em *Cultura e analfabetismo*). Dirigiu ainda a *Bibliographia critica de historia e litteratura*, que contou com doze fascículos publicados entre 1873 e 1875 e que continha recensões em grande parte redigidas por si mesmo, mas com colaboradores diversos, entre os quais Teófilo Braga.

Se, por um lado, esses cinco núcleos temáticos permitem desvencilhar linhas de interesse e investigação por parte do Autor, por outro é impossível estabelecer fronteiras definidas entre eles; as diferentes áreas de saber intercomunicam-se e completam-se, assim como a teoria se integra na prática, tanto que, em relação ao ensino das línguas, não se poderá falar propriamente numa «teoria estruturada e definida», mas antes num projeto prático e atuante de «publicação de obras linguísticas e pedagógicas que estariam ao serviço do ensino da língua portuguesa» (SILVA 1999: p. 419). A necessidade do estudo teórico na área da ciência da linguagem relaciona-se com a necessidade de progredir no ensino linguístico, para cuja melhoria Adolfo Coelho contribuiu notavelmente nos finais do século, sobretudo no domínio do ensino da língua portuguesa, publicando uma gramática, um dicionário e vários cursos de língua e literatura portu-

guesa (SILVA 1999: p. 427). Algo que caracterizou a quarta fase da filologia portuguesa (1868-1888), segundo a periodização de Leite de Vasconcelos (1929: p. 860), foi precisamente a publicação de trabalhos teóricos e simultaneamente de gramáticas escolares para os diferentes níveis de ensino por parte de figuras avultadas do âmbito da filologia da época, como Augusto Epifânio da Silva Dias ou Teófilo Braga, só para mencionar dois exemplos.

Os estudos de linguística são provavelmente a vertente mais inovadora da produção de Adolfo Coelho, que com grande entusiasmo os apresenta, anuncia e divulga, vendo neles a possibilidade de incidir na transformação social e cultural de um país marcado pelo analfabetismo e, como denuncia com força na conferência de 1871, com um sistema educativo permeado pela presença institucionalizada da religião. Considerando precisamente o seu interesse pela “glotologia” (usando um dos termos que ele mesmo propôs), Adolfo Coelho além de cruzar caminho com a “geração de 70”, conflui numa geração de contornos temporais nem sempre bem definidos que reúne uma série de personagens ligadas à filologia e que começaram a publicar precisamente por volta de 1870.

O trabalho de Adolfo Coelho de 1868 (*A lingua portugueza*) inaugura a série de publicações a cargo desse grupo, que conta com nomes como Epifânio Dias, Júlio Moreira, Leite de Vasconcelos, Gonçalves Viana e Carolina Michaëlis. É com esta geração que começa a delinear-se uma nova abordagem à matéria linguística, que se manifesta em polémicas acirradas entre os chamados gramáticos (apelidados também de “caturras”) e os chamados filólogos. A oposição contrapõe uma atitude prescritiva e tradicionalista perante a língua e uma atitude mais moderna, que hoje definiríamos descritiva.

Há vários elementos recorrentes dentro deste grupo, para além do interesse pela mesma disciplina; nomeadamente, em geral são políglotas, o que se prende com o tipo de abordagem privilegiada nos estudos filológicos da época, que começam a debruçar-se sobre o estudo comparativo entre línguas. Depois, na maior parte dos casos os seus integrantes apresentam alguma forma de militância ou de engajamento, que pode relacionar-se com a sua área de especialização, mas não só. Assim por exemplo, na sequência do ultimato inglês, o nacionalismo emerge em posições puristas, a favor da expunção dos anglicismos, em figuras como Leite de Vasconcelos e Gonçalves Viana<sup>6</sup>. No caso de Adolfo Coelho, para além do seu posicionamento público a favor de uma modernização do ensino, tal como emerge já na conferência de 1871 e em vários dos seus textos, e do

<sup>6</sup> Cf. artigos como *Os anglicismos no português* e *Aos ingleses*, assinados por Leite de Vasconcelos, ou *Fóra com a marca inglesa*, de Gonçalves Viana, publicados em janeiro de 1890 no diário «Dia», como também reconstrói Prista (2001: p. 191, pp. 206-207).

seu empenho concreto nesse sentido, assinala-se uma postura que poderíamos definir feminista, ainda que «à sua maneira» (PRISTA 2001: p. 187).

O grande empenho prático de Adolfo Coelho pode ser visto como um forte foco no futuro, que o acompanha até ao século XX, assistindo à implantação da República, sendo um diferencial marcante que o individualiza perante o resto da “geração de 70”, sobretudo em relação aos «vencidos da vida», como Oliveira Martins se referiu ao grupo de onze amigos que se reuniram até 1894 no Hotel Bragança ou no Café Tavares. Precisamente a implantação da República possibilitou, aliás, o seu envolvimento num processo que nos afeta a todos até hoje, ou seja, a padronização da ortografia do português. Com efeito, Adolfo Coelho fez parte da comissão constituída por afamados filólogos (diríamos hoje “linguistas”) que o Governo nomeou através da portaria de 15 de fevereiro de 1911<sup>7</sup> do Ministério do Interior para fixar as bases de uma ortografia oficial, que até então o português não tinha: o nome de Adolfo Coelho consta então ao lado de Carolina Michäelis de Vasconcelos, Aniceto dos Reis Gonçalves Viana, António Cândido de Figueiredo e José Leite de Vasconcelos, integrando a comissão «encarregada de fixar as bases da ortografia que deve ser adoptada nas escolas e nos documentos e publicações oficiais e bem assim de organizar uma lista ou vocabulário das palavras que possam oferecer qualquer dificuldade quanto á maneira como devem ser escritas» (PORTUGAL 1911: p. 606). Os trabalhos da comissão estariam terminados e a proposta final apresentada no mês de agosto desse mesmo ano e aprovada no dia 1 de setembro.

A pesquisa científica, mais em termos de importação de ideias e métodos do que de elaboração de novas teorias ou trabalho de campo, em Adolfo Coelho mantém-se associada a uma intensiva ação prática, no desempenho de cargos administrativos, atividade letiva em várias escolas<sup>8</sup> e colaborando e contribuindo para a reforma do ensino secundário de 1895, conhecida como Reforma Jaime Moniz, que, na verdade, não foi recebida de forma consensual. De forma original, o seu interesse conseguiu abranger os três níveis de ensino primário, secundário e superior, mas também – e sobretudo – a educação em geral como meio de combate ao atraso da sociedade portuguesa, que é o grande tema que animou a sua geração.

<sup>7</sup> Nesse mesmo ano, por portaria de 26 de junho de 1911, foi nomeado pelo Governo da República membro da comissão encarregada da remodelação do ensino secundário, confirmando a sua importância quer na vertente puramente linguística, quer na pedagógica.

<sup>8</sup> Em 1883 fundou a Escola Primária Superior de Rodrigues Sampaio, em Lisboa, onde lecionou todas as disciplinas menos desenho e onde diariamente ocupava várias horas de expediente e da qual também foi diretor quase até ao fim da sua vida. Foi ainda professor na Escola Normal Superior de Lisboa para a formação de docentes, em acumulação com a cátedra do Curso Superior de Letras (após 1911, da Faculdade de Letras de Lisboa).

## Bibliografia

- BOLÉO 1947 = Boléo, Manuel de Paiva, *Adolfo Coelho e a filologia portuguesa e alemã no século XIX*, «Biblos», Vol. XXIII, Tomo III, 1947, pp. 607-691.
- CASTRO s.d. = Castro, Ivo, verbete *Coelho, Francisco Adolfo*, in Sérgio Campos Matos (org.), *Dicionário de historiadores portugueses da Academia Real das Ciências ao final do Estado Novo*, s.d., online (<https://dichp.bnportugal.gov.pt/imagens/coelho.pdf>).
- COELHO 1868 = Coelho, Francisco Adolfo, *A língua portuguesa: fonologia, etimologia, morfologia e sintaxe*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1868.
- COELHO 1872 = Coelho, Francisco Adolfo, *A questão do ensino: conferencia pública feita no Casino Lisbonense em 17 [sic] de Junho de 1871*, Livraria Internacional de Ernesto Chardron e Eugenio Chardron, Porto/Braga, 1872.
- COELHO 1881 = Coelho, Francisco Adolfo, *A língua portuguesa: noções de glotologia geral e especial portuguesa*, Livraria Universal, Porto, 1881.
- COELHO 1973 = Coelho, Francisco Adolfo, *Para a história da instrução popular*, Instituto Gulbenkian de Ciência, Lisboa, 1973.
- GONÇALVES 2004 = Gonçalves, Maria Filomena, *Notas sobre o positivismo linguístico em Portugal no século XIX: sobre a língua portuguesa (1871)*, de F. Adolfo Coelho, «Diacrítica – Ciências da Linguagem», N.º 18, 2004, pp. 29-56.
- MARTINS 2015 = Martins, José de Souza, *Adolfo Coelho: os embates da língua e da linguagem*, «Análise Social», Vol. 50, N.º 214, 2015, pp. 4-25.
- NEPUMOCENO, ALMEIDA 2019 = Nepumoceno, Alexandra e Almeida, Catarina Nunes de, *Francisco Adolfo Coelho*, online, TEPOC, 2019.
- PORTUGAL 1911 = Portugal, *Diário do Governo*, N.º 39/1911, Série I de 17/02/1911.
- PRISTA s.d. = *Francisco Adolfo Coelho*, in Ivo Castro (dir.), *História da língua portuguesa em linha*, s.d., online (<http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/biografias/acoelho.html>).
- PRISTA 2001 = Prista, Luís, *De filólogos a linguistas*, in Maria Helena Mira Mateus (coord.), *Caminhos do português*, Biblioteca Nacional, Lisboa, 2001, pp. 157-198.
- REIS 1990 = Reis, Carlos, *As Conferências do Casino*, Alfa, Lisboa, 1990.
- SANTOS 2019 = Santos, Maria Helena, *Evocação da obra de Francisco Adolpho Coelho (1847-1919) no centenário do seu falecimento*, in Maria do Céu Fonseca, Ana Alexandra Silva, Olga Gonçalves, Maria João Marçal (org.), *Língua portuguesa: história, diversidade e mundos de discurso*, Edições Cosmos, Chamusco, 2019, pp. 27-42.
- SILVA 1999 = Silva, António Carvalho da, *O ensino da língua (portuguesa) na visão do primeiro “linguista” português*, in *Actas do XV encontro nacional da APL*, Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, 1999, pp. 416-432.

- SILVA 1997 = Silva, António Carvalho da, *F. Adolfo Coelho (1847-1919): o primeiro "linguista" português*, in *Actas do XII encontro nacional da APL, Associação Portuguesa de Linguística*, Vol. II, Lisboa, 1997, pp. 549-558.
- VASCONCELOS 1929 = Vasconcelos, José Leite de, *A filologia portuguesa. Esbôço histórico (a propósito da reforma do Curso Superior de Letras de Lisboa)*, in *Opusculos*, Vol. IV, Parte II, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1929, pp. 839-919.